

PREFÁCIO

A relação entre a educação e o desenvolvimento económico era considerada uma questão mais ou menos consensual durante as décadas de 50 e 60, altura em que a teoria do capital humano, como componente importante da teoria da modernização, se tornou preponderante. O investimento na educação era então considerado como uma via privilegiada de promover o crescimento económico, sendo que organizações internacionais, como a OCDE e o Banco Mundial, repetiam incessantemente esta fórmula mágica a todos aqueles países e nações que aspiravam a uma milagrosa mudança económica e social. No decurso da década de 70, foi-se desenvolvendo um considerável cepticismo em relação à fórmula mágica: não era verdade que um Estado-nação como a Inglaterra tinha logrado tornar-se um gigante industrial durante o século XIX sem ter realizado investimentos significativos em educação? Sociólogos como Basil Bernstein e Pierre Bourdieu questionaram então a bondade de se privilegiar a relação entre a educação e o desenvolvimento económico, salientando a importância de manter e reforçar a autonomia relativa da educação perante a economia. Os educadores não são capitalistas—dizia-se; não se trata apenas de verem o mundo com olhos diferentes, mas também do facto de não ser possível estabelecer uma relação de correspondência entre a estrutura ocupacional, seja qual for o seu grau de desenvolvimento, e aquela que é produzida pelo sistema educativo. Os economistas tendiam a reduzir a relação entre educação e produção a uma relação meramente técnica, negligenciando o peso decisivo das relações sociais que atribuem à educação não apenas a tarefa de preparar os jovens para o mercado de trabalho, mas também as de promover o desenvolvimento individual (incluindo a legitimação das desigualdades sociais) e a formação para a cidadania (em parte assente numa função de controlo social por parte do sistema educativo).

Sucedem que a forma como era entendida a relação entre a educação e o desenvolvimento económico foi fortemente influenciada pelas significativas mudanças ocorridas no funcionamento da economia mundial a partir de finais da década de 70 e durante a década de 80. É a análise de tais mudanças e influências que constitui, em larga medida, a substância deste livro escrito por Leopoldo Mesquita e publicado pelo IIE. Durante a década de 80, o salutar cepticismo desenvolvido na década anterior começou a dar lugar a uma

necessidade quase desesperada de promover o ressurgimento das economias capitalistas, sobretudo em regiões-chave como os Estados Unidos da América e nos mais importantes países da Europa ocidental. Exigia-se destas economias uma maior competitividade, eficiência e agressividade, não apenas para manter a hegemonia face à ameaçadora competição das emergentes economias asiáticas, mas também para combater o desemprego sempre crescente, sobretudo entre os jovens, o qual estava em vias de dar origem a perigosas formas de exclusão social.

No presente trabalho, Leopoldo Mesquita segue a pista deste fenómeno e mostra como, num curto espaço de tempo, a educação se tornou um importante factor de reconstrução da lógica de acumulação capitalista. Na sua digressão, o autor percorre temas tão importantes como o papel da educação na luta por sobreviver na competição mundial, a forma como a educação e a formação profissional vão ficando cada vez mais interligadas, as bases em que uma educação pós-fordista pode ser desenvolvida de maneira a produzir novas habilitações e competências e ainda a forma como a teoria do capital humano evoluiu tendo em vista adequar-se às novas circunstâncias da economia mundial.

As mudanças na economia implicaram também mudanças no Estado e na relação entre o Estado e a comunidade. A relação funcional entre a estrutura ocupacional e o sistema educativo, tal como era entendida pela teoria da modernização, deu lugar a um outro tipo de relação, agora crescentemente mediada pelos «mercados educativos». Como resultado desta mudança, a educação passa a assumir a forma de uma mercadoria, no que constitui um desafio à autonomia relativa dessa mesma educação perante a produção, a qual autonomia de tanta importância se reveste na preservação da relação pedagógica baseada num sistema educativo que fixa os seus próprios objectivos, ritmos e ideais. Um estudo da natureza e das consequências desta «invasão» da relação pedagógica pelo mercado é o que constitui a segunda parte da digressão de Leopoldo Mesquita. O autor intitula adequadamente esta incursão na nova relação entre o Estado e o mercado: «da economia *da* educação à economia *na* educação».

Em conclusão, este importante estudo de Leopoldo Mesquita vem preencher uma lacuna de conhecimento que até aqui tinha de ser preenchida através do recurso a numerosos trabalhos em diferentes campos de estudo. Com a publicação deste livro, passa a dispor-se de um trabalho sucinto e claro sobre os recentes desenvolvimentos da relação entre a educação e o desenvolvimento económico. Como o leitor facilmente descortinará, este livro constitui um primeiro passo num ambicioso projecto que terá certamente sequência. Tomando por base o presente trabalho, podem antever-se desde já os seus próximos capítulos.

Porto, 9 de Abril de 2000

Steve Stoer